

DIARIO DE LISBOA	17 OUT. 1971
Lisboa	
DIARIO DA MANHÃ	
Lisboa	
Revista do Auto Club Médico Português	

Folhetim-artístico de José-Augusto França

226

A bienal diferente de Paris



A Bienal de Paris nasceu em 1959 com uma definição especial: a de acolher somente artistas de menos de 35 anos, isto é, «jovens artistas», admitindo que idade civil e juventude se identificam — o que é discutível mas não ao ponto de recusar a convenção inicial.

A definição de idade foi, porém, a única originalidade do sistema parisiense que, no mais, seguia o sistema proposto ao fim do século XIX pela Bienal de Veneza e adoptado também, oito anos atrás, pela de São Paulo. Quer dizer: a Bienal de Paris continuava sujeita aos envios nacionais e às nacionais representações à feira de secções geopolíticas, cada qual com suas bandeiras, numa concorrência de feira de amostras, tal e qual como nos certames comerciais. Assim continuava a fazer a bienal parisiense e assim fez desta vez ainda. Mas agora não se dá por isso.

Quer dizer, a evolução interna das artes visuais destruiu o

sistema da amostragem, provando o que há muito se sabia: que não há mais selecções nacionais possíveis nestas coisas da Cultura.

A 7.ª Bienal de Paris apresenta-se, portanto, em 1971, como uma bienal nova, em nova pele. Envios nacionais; ainda, mas dentro duma tal liberdade de função, e, só pelo catálogo se sabe como elas são constituídas. Coisa que não vale, aliás a pena saber...

Nem países de origem, nem, na realidade duma criação generalizada, nomes de autores. Eles estão lá (e nem sempre) mas não se dá por eles — a não ser no catálogo que tenho aqui ao lado e não folheio. Nele não tomei notas, mas num papel à parte; justamente o verso duma folha onde um grupo de expositores (quem, donde?) metamorfosia em quatro tempos, a «Guernica» de Picasso numa composição de carneiros realistamente tratados — diferença entre 1937 e 1971...

O maior interesse da Bienal parisiense reside numa generalização criativa de que resulta um espectáculo integrado e total.

E espectáculo é a palavra que mais convém — porque aqui e ali, o vasto changar do Paz Floral de Vincennes onde a manifestação encontrou lugar apropriado, surgem «happenings», exibições de mimos, de dansarinos,

intervenções insólitas que atraem o público, o levam de um lugar para o outro, o fascinam.

...Como este casal (inglês, holandês?) que impertubavelmente durante horas, manipula fitas de adesivo e esmaga pêssegos numa continuidade de gestos silenciosos e preciosos, ou como este mimo de máscara lívida que circula entre os visitantes como um bicho curioso e angustiado — incómodo, mil vezes incómodo...

Nenhuma, pouca novidade — na «conceptual art» na «mail art», no «hiperealismo», no «sensorialismo» na «arte pobre» que em várias exposições se mostraram, individual ou colectivamente, na Europa ou na América. Mas o que conta aqui é a força dum conjunto que é de outro mundo, dum mundo outro em que a arte de modo diferente tem de funcionar.

As enormes fotos eróticas de 4 metros por sete ou oito; os na, o porto de Nova Iorque e cumentos duma intervenção já antiga, em 1968, na Bienal de Veneza, quando Uriburu (um nome citável por excepção — ao qual, aliás, o dito autor liga grande importância...) tingiu de verde as águas do canal grande projectando agora colorir o Sena, o porto de New York e os canais de Amesterdão, além

de não sei que cataratas da sua Argentina natal; estes postais anónimos e inúteis que a «mail art» pretende fazer circular pelo mundo, numa comunicação que tira do seu absurdo o próprio valor significante; a capela-requiem (barroca) pelo último artista falecido (assina-a, convicadamente o brasileiro de Paris José Tarcísio); a prisão ensanguentada que noutra ponta se ergue, de madeira e ferros, com gritos de «Elenteria» e de «Bondeia», vindos dum povo anonimamente sacrificado; os cumentado 49 minutos de pôr e 40 minutos de nascer do sol, algures, na imensidão do Canadá; estes troncos de árvore mal entalhados desenhando uma grande estrela no chão; uma camofagem de folhas estendida entre as árvores do parque; estes falsos hindus voejando veus de seda colorida, ao vento do Outono... Tudo se contradiz e reúne numa gigantesca feira onde os quadros ou as esculturas recebidas ficam encolhidos pelos cantos, desculpando-se de ter por incência, entrado num campo que não é (que já não é, ou que aleatória ou ocasionalmente não é) o seu...

Bienal sem programa e sem prospecção, ou apenas empiricamente prospectada, a 7.ª Bienal de Paris é uma não Bienal, uma negação de maus hábitos — antes de poder ser (e esse é o problema de todas as bienais hoje em dia) um instrumento REFLECTIDO: O que não impede (antes pelo contrário) de ser um notável instrumento de reflexão.

